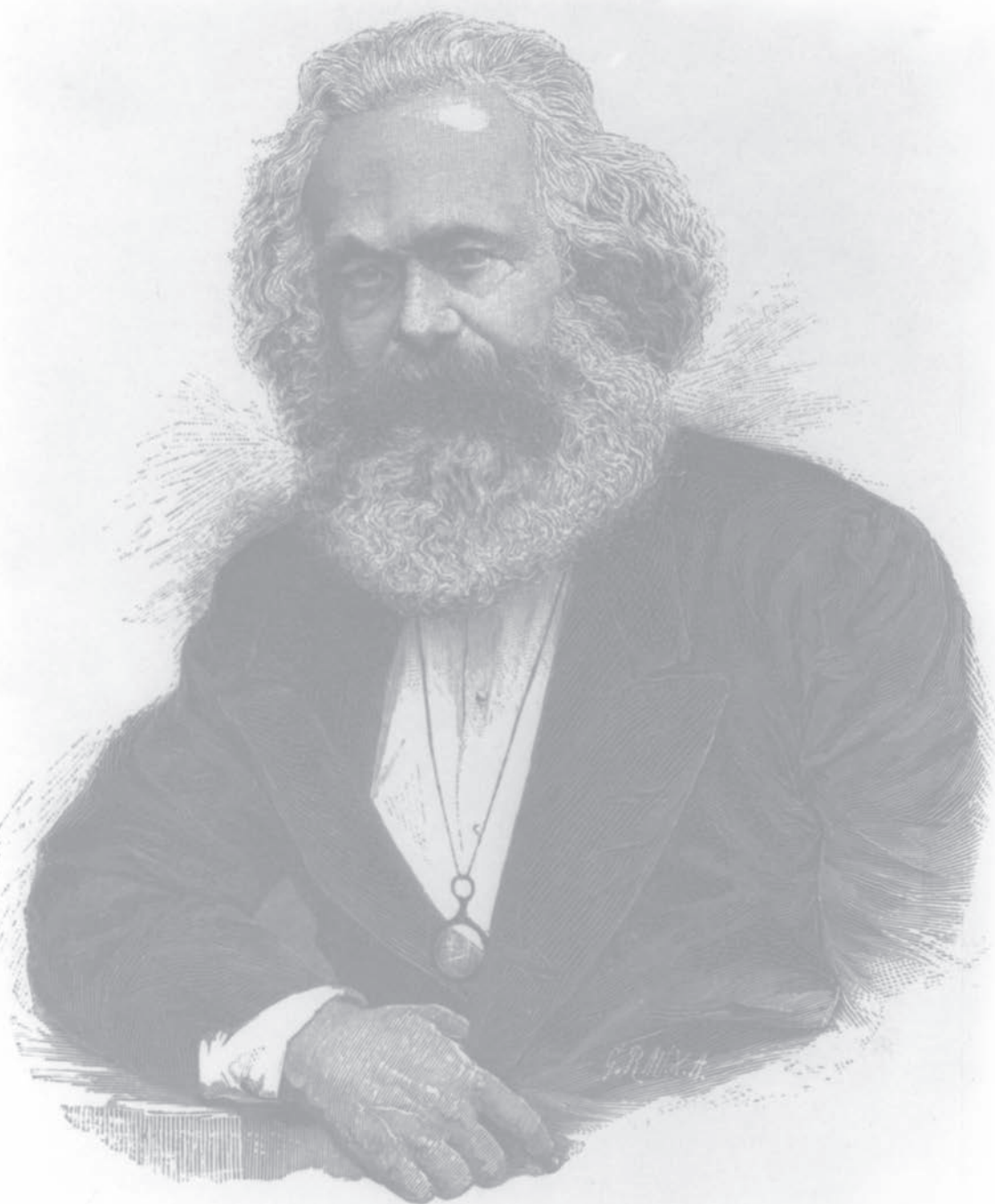


# CRÍTICA DO PROGRAMA DE GOTHA



Karl Marx

# CRÍTICA DO PROGRAMA DE GOTHA

Seleção, tradução e notas

Rubens Enderle

Prefácio à edição brasileira

Michael Löwy



Copyright da tradução © Boitempo Editorial, 2012

Traduzido dos originais em alemão: Karl Marx, *Kritik des Gothaer Programms*, em Karl Marx/Friedrich Engels, *Gesamtausgabe* (MEGA, I/25, Berlim, Dietz, 1985, p. 3-25); Karl Marx, *Kritik des Gothaer Programms. Mit Schriften und Briefen von Marx, Engels und Lenin zu den Programmen der Deutschen Sozialdemokratie* (2. ed., Berlim, Dietz, 1955); Karl Marx/Friedrich Engels, *Briefe*, em *Werke* (MEW, 5. ed., Berlim, Dietz, 1973), v. 18, p. 625-39; Karl Marx, *Konzept von Bakunins Buch „Staatlichkeit und Anarchie*, em Karl Marx/Friedrich Engels, *Editionsgrundsätze und Probestücke* (MEGA, Berlim, Dietz, 1972, p. 370-80, 689-93); *Protokoll des Vereinigungscongresses der Sozialdemokraten Deutschlands zu Gotha vom 22 bis 27. Mai 1875*, em *Protokolle der sozialdemokratischen Arbeiterpartei* (Glashütten/ Bonn, Detlev Auvermann/ Neue Gesellschaft, 1971, v. 2, p. 5-41); Karl Marx, *General Rules of the International Working Men's Association*, em Karl Marx/Friedrich Engels, *Gesamtausgabe* (MEGA, I/22, Berlim, Dietz, 1978, p. 365-7).

Coordenação editorial Ivana Jinkings  
Editora-adjunta Bibiana Leme  
Assistência editorial Livia Campos  
Tradução Rubens Enderle  
Preparação Mariana Echalar  
Revisão Mônica Santos  
Diagramação e capa Acqua Estúdio Gráfico  
(sobre ilustração de Cássio Loredano)  
ilustração da p. 2, Library of Congress, LC-USZ62-16530  
Coordenação de produção Livia Campos  
Assistência de produção Isabella Teixeira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

M355c

Marx, Karl, 1818-1883

Crítica do Programa de Gotha / Karl Marx ; seleção, tradução e notas Rubens Enderle. - São Paulo : Boitempo, 2012.  
(Coleção Marx-Engels)

ISBN 978-85-7559-189-5

1. Sozialdemokratische Partei Deutschlands. 2. Socialismo - Alemanha.  
3. Comunismo. I. Título. II. Série.

11-8390.

CDD: 335.422

CDU: 330.85

---

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: janeiro de 2012;

1ª reimpressão: agosto de 2014; 2ª reimpressão: abril de 2016;

3ª reimpressão: abril de 2019; 4ª reimpressão: março de 2020;

5ª reimpressão: outubro de 2020; 6ª reimpressão: maio de 2021;

7ª reimpressão: outubro de 2023

BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

05442-000 São Paulo SP

Tel.: (11) 3875-7250 / 3875-7285

editor@boitempoeditorial.com.br

boitempoeditorial.com.br | blogdaboitempo.com.br  
facebook.com/boitempo | twitter.com/editoraboitempo  
youtube.com/tvboitempo | instagram.com/boitempo

# SUMÁRIO

NOTA DA EDITORA .....	7
PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA	
<i>Michael Löwy</i> .....	9
CRÍTICA DO PROGRAMA DE GOTHA	
Prefácio de Friedrich Engels .....	17
Carta de Karl Marx a Wilhelm Bracke .....	19
Glosas marginais ao programa do Partido Operário Alemão .....	23
I. ....	23
II. ....	37
III. ....	39
IV. ....	41
CARTAS	
Friedrich Engels a August Bebel (março de 1875) .....	51
Friedrich Engels a Wilhelm Bracke (outubro de 1875) .....	60
Friedrich Engels a August Bebel (outubro de 1875) .....	64
Friedrich Engels a Karl Kautsky (fevereiro de 1891) (excertos).....	67
Friedrich Engels a August Bebel (maio de 1891) .....	71
PROGRAMAS DA SOCIAL-DEMOCRACIA ALEMÃ	
Estatutos da Associação Internacional dos Trabalhadores (excertos)..	79
Programa de Eisenach (1869).....	83
Programa de Gotha (esboço) .....	86
Programa de Gotha (texto final) .....	89
Programa de Erfurt (1891).....	92
ATAS DO CONGRESSO DE GOTHA (EXCERTOS).....	97
RESUMO CRÍTICO DE <i>ESTATISMO E ANARQUIA</i> , DE MIKHAIL BAKUNIN (1874) (EXCERTOS).....	105
PERIÓDICOS CITADOS .....	121
ÍNDICE ONOMÁSTICO .....	123
CRONOLOGIA RESUMIDA .....	129

## PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

*Michael Löwy*

Graças à Boitempo Editorial e ao tradutor Rubens Enderle, enfim existe em português uma tradução da *Crítica do Programa de Gotha* (1875) a partir do original alemão e com uma ampla documentação que permite situá-la em seu contexto histórico. Seguem-se então algumas breves observações introdutórias sobre o significado histórico e político dessa obra.

O ano de 1875 assistiu à unificação, na cidade de Gotha, dos dois partidos operários alemães: a Associação Geral dos Trabalhadores Alemães (na sigla alemã, ADAV), fundada em 1863, em Leipzig, por Ferdinand Lassalle (que morreu num duelo em 1864), e o Partido Social-Democrata dos Trabalhadores (SDAP), fundado em 1869, em Eisenach, por Wilhelm Liebknecht, Wilhelm Bracke e August Bebel, dirigentes socialistas próximos de Marx. O projeto de programa proposto no congresso de união privilegiava as teses de Lassalle, o que suscitou críticas virulentas da parte de Marx na forma de uma carta enviada a Bracke, com a solicitação de que fosse repassada aos outros dirigentes do “grupo de Eisenach”\*. Em nome da unidade, Liebknecht impediu sua difusão, mas ainda assim ela teve efeito: algumas das fórmulas criticadas desapareceram da versão definitiva, aprovada no Congresso de Gotha. Apesar de sua indignação contra o programa,

---

\* Carta de Marx a Bracke, maio de 1875, cf. *infra*, p. 19. (N. E.)

Marx não se opunha à fusão dos partidos; como escreveu na carta a Bracke anexada a este volume: “Cada passo do movimento real é mais importante do que uma dúzia de programas”\*. Em contrapartida, Engels estava convencido – erroneamente! – “de que uma unificação sobre essa base não durará nem sequer um ano. [...] A cisão virá”<sup>1</sup>.

Essas *Randglossen* [glosas marginais sobre o Programa de Gotha] somente foram publicadas em 1891, muito depois da morte de Marx, por Friedrich Engels, na revista socialista *Die Neue Zeit*, dirigida por Karl Kautsky. Ao longo do século XX, como sublinham com toda a razão Sonia Dayan-Herzbrun e Jean-Numa Ducange na apresentação da nova tradução francesa\*\*, esse conjunto disperso de notas tornou-se “um texto coerente de combate contra o socialismo aliado ao Estado”. Citado por Lenin em *O Estado e a revolução* (1917)\*\*\* e apresentado por Karl Korsch em 1922, em nome do jovem Partido Comunista Alemão (KPD), como uma crítica do estatismo social-democrata, ele acabou se transformando num texto canônico do “marxismo-leninismo”.

Se lermos esse documento à luz dos debates do século XXI, alguns de seus aspectos têm apenas interesse histórico, como a polêmica de Marx contra “a lei de bronze dos salários” (o salário operário não pode ultrapassar o mínimo vital necessário), tão cara a Lassalle, mas hoje esquecida, ou contra a confusão lassalliana entre o “valor do trabalho” e o valor da força de trabalho. Outras passagens, ao contrário, ganham novo interesse no contexto dos atuais debates sobre a ecologia. É o caso da afirmação categórica de que o trabalho não é o único gerador de riqueza, a natureza o é tanto quanto ele. Assim, a crítica de muitos ecologistas a Marx – só o trabalho é fonte de valor – revela-se um mal-entendido: o valor de uso, que é a verdadeira riqueza, também é um produto da natureza.

---

\* Cf. infra, p. 20. (N. E.)

<sup>1</sup> Carta a Bebel, março de 1875, cf. infra, p. 58.

\*\* Karl Marx, *Critique du Programme de Gotha* (Paris, Éditions Sociales, 2008). (N. E.)

\*\*\* São Paulo, Expressão Popular, 2007. (N. E.)

Duas outras críticas são importantes: contra a afirmação de que “a classe trabalhadora atua por sua libertação, inicialmente, nos marcos do atual Estado nacional”, o que, aos olhos de Marx, é uma abjuração do internacionalismo; e contra a definição de todas as outras classes, salvo o proletariado (e, portanto, os artesãos, os camponeses etc.), como “uma só massa reacionária”\*. Marx suspeitava que Lassalle buscava uma aliança com o poder absolutista alemão contra a burguesia. Somente muito mais tarde suas cartas ao chanceler Bismarck seriam conhecidas...

Este documento é um dos raros textos de Marx que tratam da sociedade comunista do futuro, da qual ele define duas etapas distintas: a que leva ainda as marcas de nascença da velha sociedade, estruturada pelo “igual direito” – a cada um segundo seu trabalho – e a fase superior, baseada no generoso princípio que parece resumir em si toda a força utópica do marxismo – “de cada um segundo suas capacidades, a cada um segundo suas necessidades”\*\*\*. Se o conceito de “abundância” parece problemático do ponto de vista dos limites naturais do planeta, o de “necessidade” é mais apto a uma definição sociocultural que foge das ciladas da infinitude.

O aspecto mais polêmico das notas, a crítica da “credulidade servil no Estado”\*\*\*, permanece provavelmente como a contribuição mais interessante do documento. Seu objeto imediato são as concepções de Lassalle e seus discípulos, presentes sob vários aspectos no Programa de Gotha. O curioso é que as relações de Marx e Lassalle eram ambivalentes, uma mistura de admiração, rivalidade, desprezo e ignorância mútua. Os partidários de Marx na Alemanha – não só Liebknecht e Bebel, mas também Franz Mehring, futuro fundador do KPD – não partilhavam a hostilidade dos autores do *Manifesto Comunista* contra o fundador da ADAV, primeira grande organização ope-

---

\* Cf. *infra*, p. 35 e 33. (N. E.)

\*\* Cf. *infra*, p. 29 e 32. (N. E.)

\*\*\* Cf. *infra*, p. 46. (N. E.)

rária alemã. Dito isso, Marx não estava errado em criticar o estatismo – de inspiração hegeliana de esquerda – das teses de Lassalle e sua estratégia de transição para o socialismo com a ajuda de cooperativas criadas “com o apoio do Estado”. A filosofia política de Lassalle pode ser resumida por um trecho de sua carta ao comitê de organização de um congresso de operários da Alemanha (1863):

O Estado tem a obrigação de assumir a grande causa da associação livre e individual da classe operária [...]. Em primeiro lugar, é tarefa, destinação do Estado, *facilitar, assegurar* os grandes progressos da civilização humana. Essa é sua *função, é com esse objetivo que ele existe*. É para isso que ele *sempre* serviu, que deve sempre servir.<sup>2</sup>

É difícil imaginar uma tese mais oposta às ideias antiestatistas que Marx desenvolveu ao longo de sua vida, desde sua crítica à filosofia do Estado de Hegel, em 1843, até seus escritos sobre a Comuna de Paris, em 1871\*. O autor de *O capital* não era contra as cooperativas, mas, como ele mesmo sublinha nas *Randglossen*, “elas só têm valor na medida em que são criações dos trabalhadores e independentes, não sendo protegidas nem pelos governos nem pelos burgueses”\*\*.

Os comentários de Marx são também uma resposta a um terceiro interlocutor, isto é, Mikhail Bakunin, que em seu *Estatismo e anarquia* denunciou fortemente o cientificismo dos “marxianos” e dos lassallianos e sua concepção de um “pseudo-Estado popular”. Se Marx não parece sensível à primeira crítica – as notas sobre o Programa de Gotha são marcadas por um acentuado cientificismo –, a segunda não o deixou indiferente. Na carta que enviou a Bracke anexada às *Randglossen*, ele justifica a necessidade dessas notas críticas pelo fato de que “Bakunin me torna responsável não apenas por todos os

---

<sup>2</sup> Ferdinand Lassalle, “Lettre ouverte en réponse au comité central d’organisation d’un congrès général des ouvriers allemands à Leipzig (1863) [Carta aberta ao Comitê Central pela convocação de um congresso geral dos operários alemães em Leipzig (1863)]”, em Karl Marx, *Crítica do Programa de Gotha*, cit., p. 91.

\* Karl Marx, *Crítica da filosofia do direito de Hegel* (São Paulo, Boitempo, 2005); Idem, *A guerra civil na França* (São Paulo, Boitempo, 2011). (N. E.)

\*\* Cf. infra, p. 41. (N. E.)

programas etc. daquele partido, mas até por cada passo de Liebknecht desde o início de sua cooperação com o Partido Popular”<sup>3</sup>. Engels, numa carta a Bebel em março de 1875, é ainda mais explícito:

O Estado popular foi sobejamente jogado em nossa cara pelos anarquistas, embora já o escrito de *Marx contra Proudhon* e, mais tarde, o *Manifesto Comunista* digam de maneira explícita que, com a instauração da ordem socialista da sociedade, o Estado dissolve-se por si só e desaparece.<sup>4</sup>

Podemos dizer então que a crítica do estatismo lassalliano nas *Randglossen* é, de certo modo, provocada pelas polêmicas de Bakunin contra os sociais-democratas alemães.

Dito isso, Marx proclama contra os anarquistas a necessidade de certa forma de Estado – a “ditadura revolucionária do proletariado” – durante o período de transformação revolucionária que conduz ao advento da sociedade comunista. Como mostraram as pesquisas exaustivas de Hal Draper, essa célebre frase não era contraditória com a democracia<sup>5</sup>. Nem por isso era menos problemática e fadada a suscitar mal-entendidos e manipulações autoritárias. Mais preferível era o argumento de Engels, em sua carta a Bebel:

Dever-se-ia ter deixado de lado todo esse palavreado sobre o Estado, sobretudo depois da Comuna, que já não era um Estado em sentido próprio. [...] Por isso, nossa proposta seria substituir, por toda parte, a palavra *Estado* por *Gemeinwesen* [comunidade], uma boa e velha palavra alemã, que pode muito bem servir como equivalente do francês *commune* [comuna].<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> Cf. *infra*, p. 20. O partido em questão é o SDAP, fundado em Eisenach, e o Partido Popular [*Volkspartei*] era um partido burguês liberal do qual Wilhelm Liebknecht havia participado antes da fundação do SDAP. [Sobre o “Partido Popular”, cf. *infra*, p. 20, nota 3. (N. E.)]

<sup>4</sup> Cf. *infra*, p. 56.

<sup>5</sup> Hal Draper, *Karl Marx's Theory of Revolution: The "Dictatorship of the Proletariat"* (Nova York, Monthly Review Press, 1986, v. 3).

<sup>6</sup> Cf. *infra*, p. 56.